

# REBELIÃO SANTA: CISMAS E RUPTURAS INSTITUCIONAIS NO CRISTIANISMO

Pedro Câmara

Desde 1054, ano do Cisma do Oriente, a Cristandade experimenta um dos mais variados processos de ruptura institucional, e este se reflete nas inúmeras igrejas de tradição apostólica existentes até a atualidade. Com o Grande Cisma, a Igreja Cristã, que afirmava ser uma só no primeiro milênio, sofreu um profundo “choque de realidade” através da excomunhão mútua de seus líderes, que naquele momento (1054 d. C.) eram, respectivamente, o Papa Leão IX e o Patriarca Miguel I. Com esta cisão, as igrejas sediadas em Roma e em Constantinopla cortaram o passo de qualquer nova incursão separatista, reorganizando suas doutrinas e também suas liturgias, que se tornaram completamente distintas em seu *modus operandi*, idioma, vestes e calendário. Na Roma Católica, o

latim permaneceu como língua para todos os atos e ritos, contrastando com Bizâncio, onde somente o grego correspondia às mais elevadas preces da liturgia Ortodoxa.



Papa Gregório XVII, primeiro líder da Igreja Palmariana, durante procissão em 1980.

Após a instauração do Patriarcado Bizantino, outros povos cristianizados na Europa e em partes da Ásia desenvolveram suas próprias igrejas locais, como no caso da Romênia, onde a tradição grega trazida de Constantinopla se misturou à cultura local, introduzindo o romeno – língua românica – para os atos religiosos. A Igreja Cristã Ortodoxa Romena também atribui suas origens aos chamados “tempos apostólicos”, cujo início se dá em 271 d. C., época dos primórdios do Cristianismo institucional, anterior a qualquer cisma, porém sua autocefalia só foi reconhecida pelo Patriarcado Ecumênico de Constantinopla no século XIX. No lado ocidental, inicialmente ligado à Roma, não é possível imaginar processos de ruptura sem incluir a Reforma Protestante

encabeçada por Lutero no século XVI, mais precisamente a partir de 1517. Após o estabelecimento da Confissão de Augsburgo, igrejas historicamente formadas no seio de antigos reinos europeus separaram-se do Catolicismo Romano, aderindo à Reforma e revisando seus estatutos. As divergências em torno de questões de caráter teológico, culto a Maria e aos santos, liturgias e outros pilares de fé diferiram em grande medida entre essas congregações. Um forte exemplo histórico de tais pressupostos é o que ocorreu à Igreja da Suécia, que separada de Roma séculos depois do seu estabelecimento na cidade de *Uppsala*, permaneceu celebrando ritos similares aos católicos, com altares *Versus Deum* e ícones sacros dentro dos templos.

O século XX, marcado por tensões em todo o planeta, como a II Guerra Mundial (1939-1945), também foi palco de um evento religioso que abriu a possibilidade do diálogo entre muitas das igrejas apostólicas sob iniciativa do Catolicismo Romano. Foi o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), convocado pelo então Papa João XXIII e encerrado pelo Papa Paulo VI. As revisões doutrinárias resultantes do concílio demarcaram o advento de um novo período na Igreja Católica, não somente

---

CÂMARA, Pedro. Rebelião Santa: cismas e rupturas institucionais no cristianismo. *História política e institucional*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

quanto ao ecumenismo, mas também no quesito litúrgico, pois um novo rito da missa foi aprovado, abrindo espaço para celebrações nos idiomas de cada país e com um altar em forma de mesa, preferencialmente voltado à assembleia. O estabelecimento formal da nova missa foi um divisor de águas, o pontapé inicial para novas rebeliões de grupos alinhados a uma forma de vivência e prática da fé que muito tem a ver com os estatutos do Concílio de Trento (1546 – 1563) e que por isso receberam a alcunha de tradicionalistas. Dentro desse meio, grupos rebeldes e igrejas independentes surgiram como alternativa ao “novo catolicismo” pós-conciliar, estabelecendo sua própria versão do Cristianismo.

Um exemplo importante, porém ainda pouco citado na historiografia, é o caso da Igreja Católica Renovada, fundada pelo sacerdote francês Michel Collin em 1963 após a morte de João XXIII. Collin, que morreu em 1974 sem deixar sucessor, proclamou-se papa com o nome de Clemente XV, estabelecendo um colégio de cardeais e uma ordem religiosa na pequena cidade francesa de *Clémery*, convertendo centenas de pessoas à sua fé, não somente na França, mas também em distintas partes da Europa e do Canadá. Também não há como esquecer de outro grupo surgido entre as tensões resultantes da reforma litúrgica do Vaticano II, que foi a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, fundada na década de 1970 pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre, que jamais aceitou o novo rito da missa e permaneceu oficiando liturgias segundo o Missal Romano de 1962, totalmente em latim. Receberam a excomunhão pelo então Papa João Paulo II em 1988, após Lefebvre realizar a sagração de quatro bispos sem mandato do Vaticano. Com sua morte em 1991, a fraternidade sacerdotal permaneceu em atividade sob direção desses bispos, mas sem nunca almejarem a eleição de um papa próprio nem romper totalmente seus laços com as tradições romanas.

Há também que se mencionar os acontecimentos registrados na pequena aldeia espanhola de *El Palmar de Troya*, onde um cisma ocorreu em 1978. A Ordem dos Carmelitas da Santa Face, grupo religioso formado sob a liderança do vidente sevilhano Clemente Domínguez Gómez, tornou-se uma nova igreja quando este afirmou aos seus seguidores que havia sido eleito papa com o nome de Gregório XVII diretamente por Jesus de Nazaré no dia da morte de Paulo VI. O resultado dessa ruptura originou a Igreja Palmariana, que permanece ativa até os dias atuais com doutrinas e liturgias elaboradas desde sua fundação. Os palmarianos também dispensaram a Bíblia utilizada pelo catolicismo e pela maioria das denominações cristãs e estabeleceram sua própria versão das escrituras. Em suma, dentro do vasto universo da História do Cristianismo, os exemplos aqui listados são pequenas evidências da quantidade de rupturas institucionais levadas à cabo por uma série de interesses pessoais e coletivos, que foram manifestados em profusas temporalidades. O cisma é então um fator inerente às instituições religiosas de confissão cristã, sendo apontado como vetor preexistente para a formação de novos grupos e também para o desaparecimento de outros.

## Para saber mais

DANTAS, Pedro Luiz Câmara. *"Mostrai-nos vossa santa face e seremos salvos": cultura política e construção dos espaços na Igreja Palmariana (1978-2005)*. 2020. 180f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MORINI, Enrico. *Os ortodoxos: o oriente do ocidente*. São Paulo: Paulinas, 2005.

---

CÂMARA, Pedro. Rebelião Santa: cismas e rupturas institucionais no cristianismo. *História política e institucional*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

SAID, Edward Wadie. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

CÂMARA, Pedro. Rebelião Santa: cismas e rupturas institucionais no cristianismo. *História política e institucional*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>

